

A TRAVESSIA ATLÂNTICA DE ÁRVORES SAGRADAS: ETNOARQUEOLOGIA E ESTUDOS DE PAISAGEM NO QUILOMBO DO BOQUEIRÃO - VILA BELA-MT

PATRÍCIA MARINHO DE CARVALHO

RESUMO

Neste artigo apresentamos os resultados da pesquisa na interpretação do sítio arqueológico “Porto de mestrado desenvolvida entre 2008 e 2012, no Boqueirão” (SArqPB), com a intenção de ampliar o âmbito do PPGArq-MAE/USP, realizada em Vila a variação diacrônica da análise. Foi possível chegar a parte do passado familiar de membros dessa comunidade, e também de um passado ancestral, pois alguns dos relacionados as suas origens africanas. Concluímos que existem árvores cujo significado simbólico tem correspondência, tanto dos terreiros estudados, como aponta a literatura sobre a religiosidade afro-brasileira, e, de outro, o potencial mnemônico e distintivo das árvores, capazes de despertar recordações. Os dados quando no modo de pensar de afrodescendentes da coletados no contexto sistêmico foram aplicados comunidade do Boqueirão.

PALAVRAS-CHAVE :

Etnoarqueologia; paisagem; diáspora africana; remanescentes de quilombo; afrodescendentes.

THE ATLANTIC CROSSING SACRED TREES: ETHNOARCHAEOLOGY AND LANDSCAPE STUDIES AT “QUILOMBO OF BOQUEIRÃO - VILA BELA/MT”

ABSTRACT

This paper is about master's research results developed between 2008 and 2012, under the PPGArq -MAE / USP, at Vila Bela, in the Boqueirão Maroon Community, located in the state of Mato Grosso, Alto Vale do Guaporé and among African-Brazilian religious communities at São Paulo and Mato Grosso. The ethnoarchaeology studies and maroon landscape focused on the allocation of symbolic significance to certain plants, especially the tree by its mnemonic potential. We have considered not only the important role of plants in the Afro-Brazilian religions, but their distinctive and mnemonic potential as well, able to bring up reminiscences in this afro-descendant group and its memory. Data collected in the systemic context were used for the interpretation of the archeological site, in order to broaden the diachronic variation of the analysis. We were able to trace back to part of the family background of some members of this community, in addition to part of their ancient past, for some of the data obtained led to their African roots. We conclude that there are trees which bear a symbolic, both inside the studied “terreiros”, in accordance with the Afro-Brazilian religion literature, and also significance to the way of thinking of the community in the Boqueirão community.

KEYWORDS

Ethnoarchaeology; landscape; African diaspora; maroon community; African Descent People.

SOBRE A AUTORA

PATRÍCIA MARINHO DE CARVALHO

Mestre e doutoranda em Arqueologia pelo MAE/USP.

SUBMETIDO EM

Novembro de 2015.

APROVADO EM

Novembro de 2015.

A comunidade remanescente de quilombo do Boqueirão está localizada em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, no Alto Vale do Guaporé. Quando iniciamos as pesquisas em 2008, lá viviam oito famílias, divididas em dois núcleos familiares, os descendentes de Maria Rosa, da antiga Fazenda Bom Futuro e o núcleo familiar dos Frazão de Almeida.

O levantamento etnográfico foi realizado entre todos os membros da comunidade, porém os dados de paisagem foram coletados apenas nos dois sítios (ou chácaras) dos irmãos Frazão de Almeida (Adio e Lino), tendo o quintal como unidade de análise e a árvore como indicador paisagístico na delimitação desses quintais estudados. Também foram realizados levantamentos em antigo assentamento associado à família Frazão, localizado à aproximadamente 3 Km da comunidade, junto às margens do rio Alegre, afluente do Guaporé, em localidade chamada Porto Boqueirão (que deu nome ao sítio arqueológico: SARqPB).

Os dados sobre as plantas sagradas foram levantados em quatro terreiros de São Paulo/SP, dirigidos pelos sacerdotes: Tata Katuvanjesi, Mãe Amália, Mãe Caçulinha e Kiangana e um terreiro em Cuiabá/MT, localizado na Parada da Conceição e dirigido por Pai Francisco, que foi incorporado ao longo da pesquisa, já que algumas árvores identificadas durante o levantamento no remanescente de quilombo, espécies típicas do cerrado eram desconhecidas das mães e pais de santo entrevistados em São Paulo, como o caso da lixeira, por exemplo.

Para o levantamento das árvores significativas realizamos entrevistas semiestruturadas, além também das nossas conversas informais e da observação das atividades cotidianas dos moradores. Também foram consideradas aquelas árvores existentes nos quintais dos sítios dos casais Lino e Dona Maria dos Anjos (SLM) e Adio e Kika (SAK).

De posse desses dados do contexto sistêmico (Schiffer 1972), realizamos prospecções em conjunto com os irmãos Frazão, identificamos e delimitamos o sítio arqueológico Porto Boqueirão (SARqPB), tomando por referencial além dessa lista de árvores, aquelas árvores identificadas pelos irmãos Adio e Lino *in loco*, árvores contemporâneas ao período em que lá viveram.

Os dados obtidos na comunidade quilombola foram confrontados entre as informações levantadas nas comunidades afro-religiosas e também em bibliografia especializada. O cruzamento de dados permitiu testar a hipótese inicial de que moradores do quilombo, mesmo não sendo praticantes de religiões de matriz africana, declarando-se católicos, atribuíam significação simbólica a determinadas árvores, similar as atribuições do povo-de-santo às mesmas plantas. Isso aconteceria porque os dois grupos compartilharam a experiência da diáspora africana, e a reelaboração

cultural se deu partir de um pensamento ancestral africano (Hampâté-Bá 1980) difundido por meio da oralidade, perpetuado até os dias de hoje.

Para melhor compreensão dos processos culturais pelos quais passaram essas populações negras do Guaporé é preciso contextualizar a ocupação dessa região durante o período colonial.

2 - A PRESENÇA NEGRA NO GUAPORÉ

A presença afrodescendente no Alto Vale do Guaporé está relacionado ao processo de ocupação da fronteira ocidental do Brasil durante o período colonial. O avanço das bandeiras paulistas sobre a região em busca de mão de obra indígena e metais preciosos no século XVIII, associado ao cenário de disputa territorial, envolvendo o interesse das Coroas portuguesa e espanhola, determinaram a ocupação da região e a consequente introdução de mão de obra escrava negra (Chaves 2000: 12).

Os primeiros veios de ouro explorados no estado foram encontrados no rio Coxipó, um afluente do rio Cuiabá. O ouro era encontrado no leito ou nos barrancos, o chamado ouro de aluvião, e conforme se dava o esgotamento do minério os exploradores avançavam em direção ao Vale do Guaporé, até a expedição conduzida pelos irmãos bandeiristas Fernando e Arthur Paes de Barros encontrar ouro na região (Volpato 1996).

Em 1748 a Coroa Portuguesa promoveu o desmembramento da região da Capitania de São Paulo, dando origem a Capitania do Mato Grosso – “terras de arvoredo muito elevado e corpulento”, como observou Fonseca (1866:353). Além da busca por novas fontes de exploração, havia a ameaça espanhola na região fronteira do Guaporé, e a Coroa Portuguesa precisava dominar a região também para estabelecer maior fiscalização no escoamento do ouro (Chaves 2000).

No final do século XVIII, uma nova configuração territorial foi acordada entre portugueses e espanhóis por meio do Tratado de Madri, de 1750 e pela Convenção de Badajoz, tendo sido aplicado o princípio do direito privado romano *uti possidetis, ita possideatis*, ou seja, aquele que possui de fato, deve possuir de direito. A Coroa Portuguesa tinha intenção de concretizar a posse das terras do Mato Grosso, como também da bacia Amazônica prevista no Tratado de Madri. Vila Bela estava situada no ponto mais ocidental do domínio português e carregava o “ônus de ser zona de fronteira, responsável pela defesa do povoamento luso, e se possível, por sua ampliação” (Volpato 1996; Andrade 2001).

O governo provincial somente se instaurou de fato na região do Guaporé com a vinda de Antônio Rolim de Moura, primeiro capitão general fundador de Vila Bela da Santíssima Trindade em 1752, que se tornou a sede da recém criada capitania do

Mato Grosso.

Essa condição estratégica de Vila Bela fez crescer uma cidade nos moldes coloniais dos portugueses, com o poder bélico e o poder da Igreja Católica representados,

Com a chegada de Rolim de Moura em Vila Bela, capital da Capitania de Mato Grosso, escravos negros foram deslocados da mineração para trabalharem na abertura de estradas, construção de quartéis e casas para abrigar os soldados dragões, além da edificação dos alicerces à base de pedra e barro da casa dos Governadores (Chaves 2000:43-44).

De acordo com Bandeira (1980:114) o grupo de africanos e afro-brasileiros formado por uma grande parcela de pretos e mulatos livres, constituíam a maioria da população de Vila Bela, mesmo se computando o grande número de perdas decorrentes do trabalho insalubre e da pobreza. As fugas e formação de mocambos e quilombos ao longo do rio Guaporé foram constantes entre os séculos XVIII e XIX, como os quilombos do Quariterê ou do Piolho, Pindaituba e Mutuca. A Guerra do Paraguai e o distúrbio administrativo dela decorrente ampliou o número fugas. O território espanhol também foi outro destino na busca pela liberdade (Bandeira 1988; Volpato 1996; Cadeira 2009).

A partir de 1820, as repartições públicas foram paulatinamente transferidas para Cuiabá e em 1853, a elite branca marchou definitivamente para a nova capital, evento relevante no processo de reelaboração da identidade étnica de africanos e afrodescendentes, uma vez que os senhores deixaram seus escravos em Vila Bela por considerar menos custoso adquirir novos escravos em Cuiabá. Nesse novo contexto, sem a presença dos senhores, a população negra encontrou para reelaborar sua cultura.

A saída dos brancos não implicou em si mesma, a constituição da comunidade negra. Esta resultou de decisões coletivas dos pretos, formuladas politicamente a partir da redefinição de sua identidade étnica, frente à nova situação de alteridade circunstanciada pela decadência de Vila Bela dos Brancos e desarticulação local dos mecanismos de controle do corpo social branco (Bandeira 1988: 123).

Ainda que a desarticulação provocada pelo deslocamento da Capital e da elite não tenha sido em si o fator da formação da comunidade negra, como bem frisou Bandeira, essa configuração possibilitou maior autonomia no processo de redefinição da identidade étnica do grupo.

Nesse processo de formação identitária do vilabelense existiu a contribuição cultural dos povos de origem banto (África Central), como no caso do tradicional

“Congo de Vila Bela”, uma encenação da polêmica entre o rei do Congo e o rei de Bamba, que quer casar com a filha do primeiro. Além da referência à África, no desenvolvimento do auto é possível identificar palavras e expressões que remetem a influência africana. Ainda de acordo com investigações arqueológicas realizadas em Vila Bela, o material proveniente de depósitos cerâmicos do período histórico indica influência de grupos bantos em sua produção (Zanettini 2006:12).

Os fluxos do tráfico transatlântico, também explicariam essa influência centro-africana na cultura do vilabelense. A mão de obra escrava em Vila Bela penetrou por três rotas distintas. Na mais antiga, conhecida por rota Monções do Sul que ligava São Paulo a Mato Grosso por via fluvial pelos rios Tietê e Cuiabá, trafegavam africanos embarcados no porto de Angola, com destino ao Rio de Janeiro; a segunda rota, por onde circularam africanos oriundos de Angola, Cacheu e Guiné Bissau foi pela Belém-Pará, que esteve sob o domínio da Companhia Geral de Comércio Grão-Pará e Maranhão (1755-1778); a terceira rota estabeleceu o comércio Goiás-Cuiabá por onde circularam africanos embarcados na Costa da Mina (Symanski e Zanettini 2010).

O contingente de escravos da África central foi majoritário, porém não se traduz em um purismo cultural, pois há de se considerar que, mesmo entre o grupo banto havia representantes de várias etnias. Para Gilroy (2001:38) a diáspora africana proporcionou uma comunicação entre diversos grupos étnicos que atravessaram o Atlântico e o navio negreiro foi o espaço privilegiado das trocas culturais, por isso o autor escolheu o “navio” enquanto “símbolo organizador central” no desenvolvimento de seu pensamento, e que ele concebe como um “sistema vivo, microestrutural e micropolítico em movimento”. Não podendo dissociar a identidade cultural dos descendentes de escravos africanos da experiência da escravidão e do racismo, nem tampouco pode se restringir aos “particularismos nacionalistas”.

De acordo com Heywood (2009), a formação de uma nova cultura teria começado ainda em solo africano. O mecanismo escravista levou a criação de “cultura litorânea homogênea” entre os escravos capturados que aguardavam o embarque para as Américas, que se disseminou, sobretudo pela origem centro-africana (origem de quase a metade dos escravos africanos) dos escravizados que falavam “línguas muito próximas do Banto Ocidental”, o que facilitava a comunicação e as trocas culturais. Além de uma herança centro-africana comum, essa cultura litorânea que foi trazida para as Américas, já existia na África com elementos emprestados principalmente das práticas e pensamentos da Europa mediterrânea.

Costa e Silva (2003) adota o pressuposto linguístico para a explicação da criação de uma cultura crioula, em vista da proximidade das línguas faladas pelos vários povos da África Central que pertencem à subfamília “banto”, da família linguística Nígero-kordofaniana (Munanga 2009; Costa e Silva 2003).

As culturas centro-africanas partilhavam de um referencial cultural comum, apesar da diversidade de grupos étnicos, já que esses grupos compartilhavam cosmologias permeadas pela dualidade “fortuna-infortúnio”, na qual o “bem” faz parte da ordem natural e as “forças malévolas” ficam de fora (Craemer, Vansina e Fox 1976¹, *apud* Karash 2000: 355). Acrescentam os autores que, sendo a fortuna o caminho natural dos seres humanos, qualquer acontecimento ou condição caracterizada como infortúnio seria atribuído a feitiçaria. A fortuna era ter uma vida boa, ter força, englobando valores ligados à “fecundidade genérica” (filhos, riqueza econômica, fartura em colheitas e caçadas), à proteção e segurança e ao status social e tendo na “pureza ritual” condição previa para alcançar esses bens. De acordo com Karasch (2000: 356), referências presentes na literatura informam que aos banhos frequentes dos cativos também podem apontar pra essa purificação ritual e que existem ervas que estavam associadas aos escravos e que hoje são utilizadas pelos umbandistas em seus banhos.

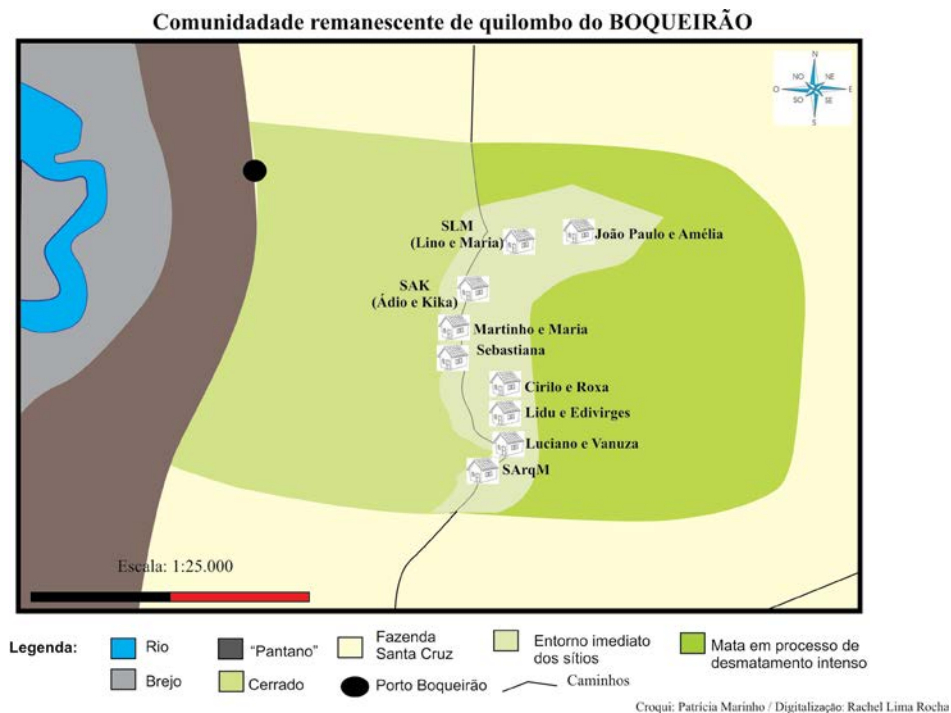
3 - TERRITÓRIO QUILOMBOLA: ONTEM E HOJE

A pesquisa de campo em área de remanescente de quilombo foi realizada na comunidade do Boqueirão, localizada em Vila Bela da Santíssima Trindade, Alto Vale do Guaporé, Mato Grosso, entre as coordenadas UTM 21L 184922/8321592, e no sítio arqueológico SARqPB, localizado a cerca de 3 quilômetros da comunidade, às margens do rio Alegre, afluente do Guaporé, rio que nasce na Chapada dos Parecis, onde faz fronteira com a Bolívia e corre em direção ao rio Mamoré, que desagua no Amazonas (Figura 1).

A região do Vale do Guaporé é caracterizada pela diversidade de biomas, que inclui florestas de influência amazônica e do cerrado (Ab’Saber 1967: 46), configurando-se em uma área de transição entre biomas, cujo clima é bem definido, apresentando uma estação seca (novembro a março) e outra chuvosa (dezembro-abril). Na comunidade do Boqueirão, durante a estação chuvosa se dá a formação de uma piscina natural entre o rio Alegre e a comunidade, área denominada pelos moradores de “pântano”. Já na estação seca, se formam bancos de areia no rio Alegre e há o aumento da vegetação aquática, denominada “tarope”, que dificultam a navegação. A vegetação dominante do Boqueirão é a típica do Cerrado, com árvores de pequeno porte com galhos tortuosos, muitos arbustos e gramíneas (Figura 2).

1 CRAEMER, Willy, VANSINA, Jan & FOX, Renée. 1976. Religious movements in Central Africa: a theoretical study. *Comparative Studies in Society and History*, v. 18:458-475.

Figura 1 - Localização da comunidade Boqueirão.



Fonte Carvalho 2012.

VA constituição do território quilombola, conta Dona Mancia Frazão de Almeida, prima de Lino e Ádio, começou com o bisavô deles, Higino Frazão de Almeida africano, de etnia desconhecida, mas que se sabe, desembarcou em Salvador sendo então levado até Vila Bela. O bisavô Higino teria, em algum momento de sua vida se instalado às margens do rio Alegre e seus descendentes teriam formado várias outras comunidades entre o Alegre e o Guaporé, como é o caso de seu filho Anselmo Frazão de Almeida, avô de Ádio e Lino, fundador da comunidade Porto Alegre, na margem direita do rio Alegre, tendo se tornado a maior comunidade de afrodescendentes na primeira metade do século XX na região. O último morador dessa comunidade vendeu suas terras para um fazendeiro da região e se mudou para a Vila em 1985. Estudos realizados no local identificaram fragmentos de telhas e vidros associados a ocupações do século XX, além de fragmentos de porcelana chinesa e de garrafas quadrangulares (*case bottles*) referentes ao século XVIII, que indicam uma ocupação histórica anterior (Zanettini 2006). De acordo com o autor também há vestígios de um cemitério que apresenta evidências de ter estado em uso até a década de 1970.

Figura 2 - A paisagem do Boqueirão.



Fonte: Carvalho 2012.

A disputa de terras, primeiro com indígenas e depois com os posseiros e fazendeiros foi uma constante na história da comunidade negra de Vila Bela e forçou a saída de muitos moradores da região, rumo ao centro de Vila Bela, bairro Jardim Aeroporto, ou ainda para o estado de Rondônia. Na década de 1980 as terras da Fazenda Bom Futuro, como era conhecida a área onde vivem o núcleo familiar da matriarca Maria Rosa, no atual Boqueirão, foram quase que totalmente compradas pelos proprietários da Fazenda Santa Cruz. Hoje em dia e apesar de não mais se registrarem conflitos armados por disputas de terra na região, alguns moradores têm sido convencidos a vender suas propriedades.

Desde 2008, quando iniciamos as pesquisas de campo no Boqueirão, foi possível acompanhar as transformações da paisagem na comunidade. presa de laticínios de Vila Bela instalou um refrigerador industrial na comunidade. Esse processo em parte relacionado a condição de “comunidade quilombola” que proporcionou aos moradores acesso a financiamentos disponibilizados pelo Governo Federal para investimento na produção leiteira/agrícola – a certificação da Fundação Palmares data de 30 de setembro de 2005. Os moradores do Boqueirão contaram que a criação de gado é uma atividade tradicional entre eles, e desde que tiveram acesso

aos financiamentos, puderam adquirir novos animais, aumentando a produção que agora gira em torno de 50 a 80 litros por família. A partir de 2010, uma empresa de laticínios de Vila Bela instalou um refrigerador industrial na comunidade e assim todos podem armazenar sua produção de leite neste recipiente e a empresa se encarrega de fazer o recolhimento regularmente.

A paisagem do Boqueirão vai se transformando dia após dia, o cerrado e as matas dão lugar a pastagens. Com o aumento do poder aquisitivo novas casas de alvenaria estão sendo construídas em substituição as casas tradicionais. Em nossa última visita a comunidade no ano de 2011. Sr. Lino e D. Maria dos Anjos haviam começado a construir sua nova casa de alvenaria, fora da área da moradia atual. Já Adio e Kika manifestaram a vontade de construir uma casa de alvenaria, porém querem manter a casa tradicional de pau-a-pique, por questões afetivas, além de considerarem as casas tradicionais muito bonitas. Na propriedade do casal há uma construção de alvenaria ainda inacabada, fora da área de estudo, que tem a finalidade de abrigar a sede ASSOREQUI – Associação de Remanescentes de Quilombo, antiga ACOREBELA.

A agricultura é atualmente uma atividade secundária. Durante muitos anos, além da produção para a subsistência, os quilombolas mantiveram plantações de excedente para ser comercializado no centro urbano, diretamente ao consumidor ou aos supermercados. O aumento da produção leiteira e as mudanças no mercado deixaram a produção agrícola em segundo plano. Em nosso último trabalho de campo o Sr. Geraldo, filho de Maria Rosa, contou que cultivou tomate com intuito de vender em Vila Bela, porém quando foi comercializar sua produção o supermercado não quis aceitar, exigindo emissão de nota fiscal, além de certificados da Secretaria de Abastecimento. Ele terminou por distribuir o tomate entretomate entre conhecidos, que tampouco quiseram pagar pelo produto.

Os moradores do Boqueirão se dividem entre católicos e evangélicos e não identificamos casas de cultos afro-brasileiros na cidade. Porém, a não identificação de templos religiosos não exclui a prática de rituais relacionados à religião dos ancestrais africanos da população de Vila Bela, conforme ficou evidenciado em conversas informais mantidas com moradores da cidade.

As práticas religiosas afro-brasileiras não são bem vistas por muitos moradores de Vila Bela, que em sua maioria são católicos ou evangélicos, sendo comum ouvir de moradores histórias sobre os últimos “feiticeiros” de Vila Bela. A raiz desse preconceito na comunidade está associada às relações sociais do período colonial. A repressão às práticas culturais dos descendentes de africanos é histórica e na Vila não foi diferente, no ano de 1773 foi considerada pena grave a realização de batuques e ajuntamento de escravos (Amado e Anzai 2006: 189).

O levantamento da paisagem nos quintais do presente (SLM e SAK) e do passado (SArqPB), foi realizado nos sítios dos irmãos Lino e Ádio Frazão de Almeida na comunidade Boqueirão, e em antigo assentamento onde a família Frazão viveu até a década de 1980, quando foram atingidos por uma grande enchente que inviabilizou a permanência deles no Porto Boqueirão.

Além dos levantamentos de paisagem feitos nos quintais SLM e SAK, outras pessoas da comunidade contribuíram para a realização desta pesquisa, entre elas Dona Sebastiana, 74 anos, filha da matriarca Maria Rosa. Dona Sebastiana, a Batica, nasceu em Vila Bela e é profunda conhecedora de inúmeras espécies vegetais, bem como de suas aplicações na medicina popular, alimentação, construção, entre outros usos. Ela alertou para o fato de que algumas espécies vegetais, antes abundantes, já não são mais encontradas com facilidade, ou até já desapareceram. No quintal de Dona Sebastiana, há algumas árvores nativas que foram conservadas por suas propriedades medicinais, como é o caso da aroeira, que entra na composição do melote, um xarope fortificante, feito com casca de árvores e açúcar. Porém, Batica não cultiva plantas com propriedades mágico-religiosas – como as observadas em outros sítios: comigo-ninguém-pode, espada-de-são-jorge, pinhão, entre outras – pois ela é evangélica, e não atribui tal significação ou propriedade as plantas. Dona Sebastiana se tornou evangélica há muitos anos, seguindo os passos da mãe Maria Rosa, convertida na década de 1950 influenciada pela “Missão Cristã”. O missionário holandês, Pastor Gustavo Bringsken veio para o Brasil com o intuito de trabalhar na região amazônica, se estabelecendo em Vila Bela devido às reservas indígenas existentes na região. De acordo com D. Sebastiana, o Pastor Gustavo possuía um avião com o qual fazia o seu trabalho de evangelização e prestava assistência a população da região.

Outra importante interlocutora foi Dona Mancian Frazão de Almeida, prima Lino e Ádio, Dona Mancian, que morou no Porto Boqueirão na infância, hoje vive com sua família no Jardim Aeroporto, bairro situado à margem direita do Guaporé. Dona Mancian trabalha com medicina popular a base de ervas.

No Boqueirão os sítios seguem uma configuração similar, com uma área cercada no entorno da casa que separa o quintal, da área de pastagem e curral, que também são cercadas nas divisas entre as propriedades. Ainda que os sítios do Boqueirão possuam semelhanças entre si, optamos por estudar os quintais da família Frazão de Almeida pensando em acessar a atribuição de significação simbólica a plantas. Para tanto delimitamos o quintal como área de estudo dos sítios, por considera-lo o espaço mais evidenciado nos estudos de sítios afro-americanos, uma

vez que se constituem extensões da moradia, onde diversas atividades cotidianas são realizadas (Heath e Bennett 2000: 41-43). Os “quintais” são espaços onde são realizadas inúmeras atividades de caráter doméstico, de lazer, religiosidade e sociabilidade, ou seja, são espaços carregados de significados. Os autores citam as etnografias da África e do Caribe dos séculos XVIII a XIX, cujos dados poderiam atestar similaridades nos usos dos quintais entre populações africanas e afro-americanas do passado e também entre as afro-americanas atuais. O quintal, portanto, pode ser considerado como um espaço de mudança e de reinvenção cultural (Zanettini 2006: 67).

No levantamento do quintal consideramos as estruturas domésticas, pomar, horta, espaço para criação de pequenos animais, registramos todas as árvores e plantas existentes nos quintais e também seu posicionamento em relação às habitações.

Nesse levantamento etnográfico e da paisagem realizado no contexto sistêmico foi possível verificar que algumas plantas recebiam atribuições simbólicas e que muitas vezes essa atribuição determinava o local onde tais plantas foram plantadas. Esse tipo de informação também foi útil no contexto arqueológico, pois permitiu que delimitássemos o SARqPB, relacionando essas informações com as evidências de superfície tais como as marcas das antigas estruturas habitacionais, artefatos e também árvores ainda presentes no antigo assentamento, e que eram significativas para os irmãos Frazão.

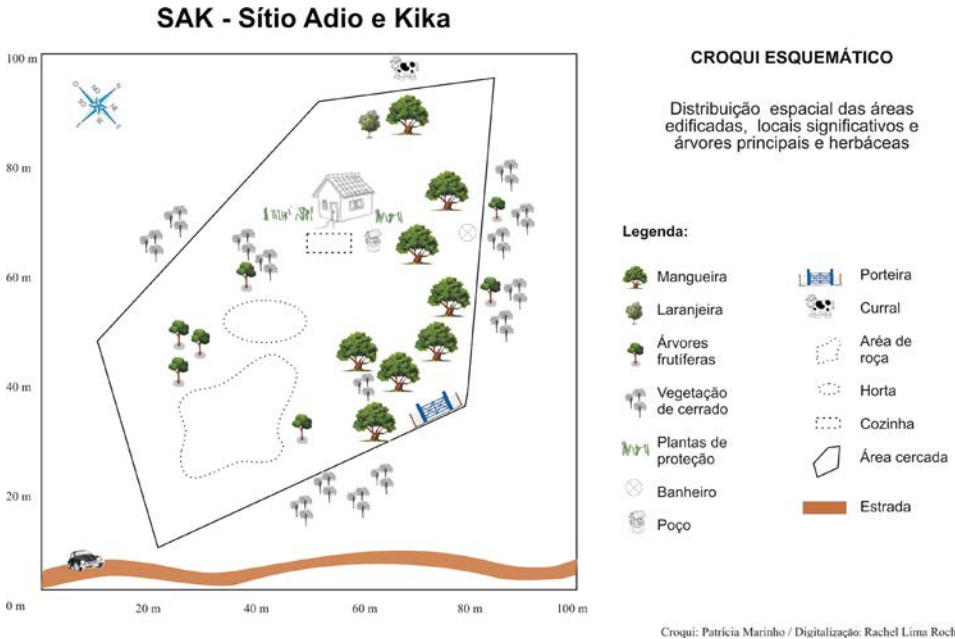
Os sítios de Lino e Ádio (SLM e SAK) fazem divisa e estão posicionados a noroeste do sítio arqueológico (SARqPB). Até 2006, o principal acesso a comunidade era via fluvial Guaporé-Alegre, e a entrada principal dos sítios era voltada para essa direção. Com a construção da estrada em 2006, a entrada principal passou a ser a sudeste; a descrição dos sítios é iniciada a partir da sua face sudeste.

4.1 - SÍTIO LINO E MARIA (SLM)

A área de estudo do sítio SLM, correspondente ao quintal pode ser representada pelo polígono de coordenadas UTM 21L 0185403/8322256 e 0185380/8322195 (frente) e 0185276/8322237 e 0185297/8322296 (fundos), totalizando uma área de aproximadamente 8.000 m² (Figura 3).

Lino Frazão, que nasceu na comunidade Porto Alegre fundada por seu avô Anselmo, ainda criança foi viver com a família no Porto Boqueirão. Quando Lino se casou com Dona Maria dos Anjos na década de 1970, os dois se mudaram para o local onde vivem atualmente, uma área mais elevada onde havia uma roça da família Frazão e apenas um paiol para o armazenamento do milho cultivado e lá cons-

Figura 3 - Croqui do sítio SLM.



Fonte: Carvalho 2012.

truíram a casa tradicional na qual vivem até hoje. Lino trabalhou muitos anos para os proprietários da fazenda Santa Cruz e atualmente se dedica a criação de gado e ovelhas. Dona Maria dos Anjos, que também foi criada no Porto Boqueirão e tem amplo conhecimento sobre plantas e seus mais diversos usos, foi uma das nossas principais interlocutoras. Dona Maria conta que quando se mudou com seu Lino para o sítio atual plantou a maioria das árvores frutíferas existentes em seu quintal, como as mangueiras, laranjeiras, pés de mexerica, seriguela, pitanga, entre outros. Algumas árvores frutíferas nativas como a bocaiúva e o jenipapeiro foram nascendo ao longo dos anos e foram preservadas. Dona Maria dedica seu tempo aos cuidados com a criação pequena, a casa, sua horta e seu jardim.

Não há nenhuma construção de alvenaria na propriedade. Todos os cômodos da casa estão espacialmente separados (cozinha externa; cozinha interna e sala de jantar; sala de visitas e dormitórios) e são construídas a partir de técnicas tradicionais de pau-a-pique ou de madeira, recobertas por um telhado de folhas de babaçu (Figura 4).

A primeira estrutura que se observa pela entrada principal do sítio é um moquiço ou paiol, construído com madeira e folhas de babaçu, sendo utilizado para o armazenamento de ferramentas e demais produtos para a lida com a roça e as

criações. Essa construção foi feita antes da abertura da estrada. Do lado oposto ao moquiço, no fundo do quintal está o galinheiro, que comporta mais de cem galinhas criadas por Dona Maria.

Da entrada do sítio se avista o pomar e o restante das estruturas habitacionais. O primeiro deles é a cozinha externa, onde são acondicionados uma série de itens relacionados às atividades cotidianas, há um freezer, e também alguns galões onde é armazenada a água recolhida no poço artesiano que fica ao lado da cozinha externa, área usada para lavar roupas e a louça. É na cozinha externa que a família recebe os visitantes, por esse motivo dona Maria mantém lá um vaso com a planta comigo-ninguém-pode, que segundo ela foi colocada estrategicamente no local para afastar energias negativas. O segundo conjunto é composto pela sala de jantar e a cozinha interna, onde está o fogão à lenha, panelas e mantimentos. No terceiro e último conjunto estão banheiro, dormitórios e a sala de estar. Do lado de fora da casa, junto a parece da sala e dos dormitórios (antiga entrada principal) há um jardim repleto de plantas de proteção como a espada-de-são-jorge, comigo-ninguém-pode, guiné e a dracena vermelha, ou pombagira, como é chamada pela Dona Maria dos

Figura 4 - Casa de Lino e Maria dos Anjos SLM.



Fonte: Carvalho 2012.

Anjos. Em frente a esses cômodos há um pé de pinhão-branco, planta com propriedades medicinais utilizada para o tratamento de irritações que provocam coceira na pele, emagrecimento e também para combater o alcoolismo. Dona Maria contou que além do branco existe o pinhão-roxo e o vermelho, todos indicados para proteção. Dona Maria contou que quando chega em sua casa uma pessoa “carregada” de energias negativas, ou alimentando algum sentimento negativo como inveja, essa energia ruim é absorvida pelo pinhão e todas as suas folhas caem. Por suas propriedades de proteção, as folhas do pinhão também podem ser utilizadas em banhos de descarrego – banho de ervas muito comum entre os praticantes de religiões afro-brasileiras com a intenção de eliminar energias negativas.

Além dos animais de criação, o casal tem uma roça onde plantam milho, mandioca e outras plantas alternadamente. De acordo com Lino, antigamente a roça era bem maior e se estendia para além das cercas do quintal. Mas com o aumento da área de pasto e também com a desvalorização no mercado dos produtos agrícolas, hoje se dedicam a plantar apenas para a subsistência.

Dona Maria também tem uma horta, onde planta pimentas, cebolinha, chuchu, abóbora, abacaxi entre outras ervas, frutos e legumes de acordo com a época do ano. Na horta de dona Maria há alguns objetos utilizados contra olho-gordo e mau olhado, como ela nos explicou. Há dois chifres de vaca encaixados em uma vara de madeira fincada no meio da horta entre as hortaliças (há outro chifre pendurado na porta da sala de D. Maria para evitar a entrada de possíveis energias negativas de quem entra na casa). Segundo dona Maria a própria pimenteira cumpre essa função de proteção contra o mau-olhado, além de ser cultivada para o consumo pois é muito apreciada na culinária local. Outra planta de proteção e a espada-de-são-jorge, existente no entorno da horta. Tanta proteção não admira que a horta de dona Maria esteja sempre verdejante, como observou sua vizinha e cunhada Kika.

Segundo Dona dos Anjos a mangueira é uma árvore que também possui propriedade de proteção, pois além de atrair as energias negativas, suas folhas também podem ser utilizadas nos banhos de descarrego, por isso foi uma das primeiras árvores que ela plantou quando veio viver nesse local. Ela contou que uma das mangueiras antigas não tem mais dado muitos frutos nos últimos anos, e por isso ela aguarda que mulher grávida que venha visita-la possa abraçar a mangueira, para ela uma simpatia bastante eficaz para a frutificação da árvore. Também Dona Mancia Frazão de Almeida, prima Lino e Ádio, fez o mesmo comentário sobre as propriedades de proteção da mangueira que segundo ela é capaz de reter toda energia negativa, por este motivo deve ser plantada na frente da casa, pois ela “apara tudo”, qualquer energia negativa que tenha sido enviada para os moradores da casa. As folhas ainda podem ser usadas para banhos de descarrego. Havia uma grane mangueira em frente a sua casa, mas acabou sendo derrubada para a ampliação da

residência, mesmo contra a sua vontade. Dona Manciança disse ainda que a folha da manga possui efeito expectorante, antibiótico e anti-inflamatório, é bom para o pulmão, fígado e rins, sendo que o chá da folha, com um pouco da casca é usado para regularização de ciclo menstrual.

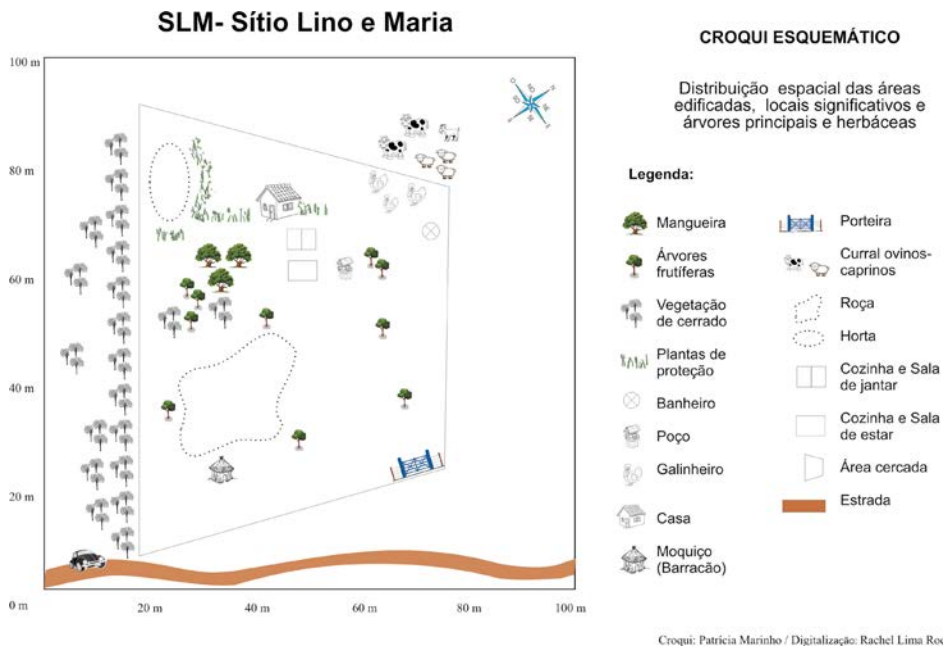
Outra árvore, existente no quintal de Dona Maria e Seu Lino é o cedro. De acordo com Lino, o cedro que fica entre o moquiço e a porteira de entrada do sítio já existia quando o casal se mudou para lá, e que ele resolveu não derrubá-la por ser madeira de lei, porém ele afirma que o cedro é uma árvore que “chama raio”. Quando questionados sobre o fato de o raio cair em determinadas árvores estaria ligado a sua altura – o cedro pode alcançar 30 metros de altura – Dona Maria dos Anjos e seu Lino explicaram que o raio escolhe o cedro porque ele “gosta” do cedro. O Sr. Martinho, irmão de dona Sebastiana, confirmou essa informação e acrescentou que outras árvores também podem atrair raios, como a lixeira, sendo que ele mesmo já presenciou um raio partir uma lixeira ao meio, e o fogo a consumi-la completamente. Dona Maria dos Anjos também viu um raio partir uma lixeira no capão. Também uma crença bastante difundida, não só nessa região do país, é associação do raio com a machadinha – machado lítico associado as antigas ocupações indígenas, também conhecida popularmente por pedra de raio. Mais uma vez Sr. Martinho nos contou que também presenciou um raio bater em duas árvores e daí se enterrar no chão muito profundamente, talvez a mais de 20 metros de profundidade, lá onde está agora a pedra de raio.

4.2 - SÍTIO ÁDIO E KIKA (SAK)

O sítio de Ádio e Kika pode ser localizado por meio da coordenada UTM 21L 0184935/8321849; a área do quintal é de aproximadamente 2.500m². A casa de Ádio foi construída na década de 1980, quando a família Frazão deixou o Porto Boqueirão por causa da enchente, e passou a ser administrada por Ádio, após o falecimento de seu pai, ainda durante o seu primeiro casamento (Figura 5).

Ádio vive com sua esposa Elisandra Botelho, conhecida por todos como Kika e com seus filhos Alessandra (Vana) e Abedilson. Toda a família se envolve nos trabalhos cotidianos do sítio. Em geral é Abdilson quem ajuda o pai na lida com o gado, enquanto Kika e Vana estão alimentando as criações pequenas, limpando a casa, cuidando da horta, etc. As refeições costumam ser preparadas por Ádio ou Kika, que é também conhecida pela delícia do seu tempero. Ao fim das atividades matinais, Kika e os filhos vão para a escola na Vila, os filhos fazem o ensino fundamental e Kika está cursando o 2º.Grau Técnico em Informática, e assim que terminar os estudos pretende arrumar um trabalho na Vila. Kika também milita

Figura 5- Croqui do sítio SAK.



Fonte: Carvalho 2012.

nas causas quilombolas, e participou da fundação e administração da Associação de Remanescentes de Quilombo, atual ASSOREQUI, e pensa que a união em torno do remanescente de quilombo pode trazer melhorias para a vida das pessoas. A atividade com o gado é importante na vida de todos, não só na criação voltada para a produção de leite, mas também em torno de seu aspecto da cultural, pois já se tornou tradição na família participar da Festa de Peão de Boiadeiro de Vila Bela².

As habitações são de cunho vernacular, construídas a partir da técnica de pau-a-pique e cobertura com folhas de babaçu (Figura 6). Na cozinha, que é separada dos outros cômodos, há um fogão a lenha onde são preparadas as refeições e o fogão a gás que quase nunca é usado. O barro utilizado nos reparos periódicos que o fogão necessita é coletado no próprio quintal de acordo com Kika, a responsável pela manutenção.

Em frente a cozinha ficam os quartos e a sala de visitas, ambos unidos por um único teto de folhas de babaçu. Um dos quartos é destinado aos filhos e visitantes e outro quarto é o do casal. Na sala, que não possui paredes está a televisão, as cadeiras e redes. É na sala de visitas que a família se acomoda durante as refeições e nos

2 Em 2012 aconteceu a 20a. Festa de Peão de Boiadeiro de Vila Bela da Santíssima Trindade.

momentos de lazer. Ainda se encontra armazenado nesse espaço vários utensílios e produtos utilizados nas atividades cotidianas, como, arreio de cavalos, chicotes, ração para galinhas, entre outros.

Figura 6: Casa de Ádio e Kika SAK.



Fonte: Carvalho 2012.

Aquelas pessoas que chegam ao sítio pelo rio Alegre (antiga entrada principal), mal podem avistar a casa que está “camuflada” por uma enorme mangueira plantada no quintal bem junto a porteira, o mesmo acontece do lado oposto, no pomar, onde há sete pés de manga que foram plantados ainda quando a família Frazão vivia no Porto Boqueirão. Há algumas mangueiras que apresentam escarificações em seus troncos, que de acordo com Ádio foram feitas para “sangrar” ou castigar a árvore para que os frutos nasçam em maior quantidade e mais doces.

Existem outras árvores frutíferas no SAK, algumas foram plantadas pelo pai de Ádio, outras por Ádio e Kika. Há alguns pés de acerola e pinha, cana-de-açúcar, pés de abacate, limão, mexerica, goiaba, ingá de casa, cereja, graviola. No campo, bem junto a cerca do quintal nasceram, ou foram preservadas algumas árvores nativas frutíferas, como o cajueiro, a bocaiúva, a mangava e o pequiheiro. Bem encostada à cerca, do lado externo do quintal existe um angico, um ingazeiro, um

ipê-roxo, também chamado de peúva ou para-tudo e um pé de jenipapo, cujo fruto é usado para fazer suco e alimentar o gado, e segundo Ádio, sua mãe costumava fazer licor com os frutos do jenipapeiro que existia na sua antiga casa no Porto Boqueirão, que também servia de alimentos aos porcos quando caíam no chão.

A horta de Kika fica próxima ao pomar, onde ela cultiva pimenta, alfavaca, maxixe, abóbora, gengibre e cebolinha. Ao lado, numa pequena roça, Kika planta mandioca e ao lado da cozinha há alguns pés de cana-de-açúcar.

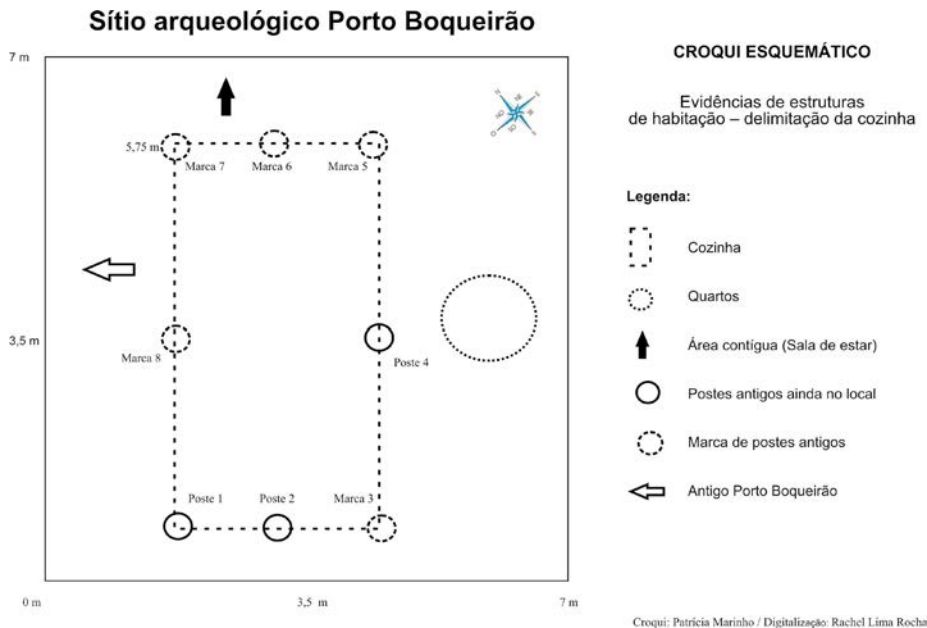
Tal qual observamos no sítio SLM, há plantas de proteção em torno da habitação no SAK. Existem alguns pés de comigo-ninguém-pode, que segundo Kika já estavam plantados nesse mesmo local quando ela se mudou para o sítio para viver com Ádio, que confirmou que sua mãe é quem as havia plantado. Kika além de achar as plantas muito bonitas disse que já ouviu dizer que elas são boas para afastar mau-olhado.

4.3 - SÍTIO ARQUEOLÓGICO PORTO BOQUEIRÃO (SARQPB)

O sítio arqueológico Porto Boqueirão (SARqPB) está localizado às Margens do rio Alegre, entre as coordenadas UTM 21L 184922/8321592. O rio Alegre é um afluente do Guaporé (Figura 7), que corre em direção ao rio Mamoré que, por sua vez, desagua no Amazonas. O antigo assentamento foi moradia da família Frazão de Almeida até a década de 1980, devido as enchentes tiveram que se mudar para onde hoje se localiza o sítio de Ádio (SAK) no início da década de 1980, devido as enchentes que atingiram a região.

Em nosso primeiro reconhecimento do sítio fomos acompanhados por Ádio, que nos levou até o local das antigas habitações, utilizando como referência um pé de tarumã contemporâneo à época em que lá viveu. Nesse local foram identificados alguns postes de madeira que sustentavam a antiga casa. Para melhor visualização do solo e delimitação das estruturas fizemos a limpeza da área, com a retirada das folhas, e além das três pontes de sustentação identificamos manchas no solo outros cinco postes que formavam a estrutura da antiga cozinha e sala de estar. De acordo com os irmãos Frazão, nesse local ficava a cozinha, de aproximadamente 16m² e a área contigua, desprovida de paredes, funcionava como um prolongamento da cozinha e uma sala de estar, onde muitas atividades eram realizadas, tal como observamos nos sítios SLM e SAK. A partir daí fizemos as demarcações e relacionamos esse local com aquelas árvores e espaços significativos apontados pelos irmãos Frazão. Ambos se recordaram de locais, árvores, atividades e acontecimentos passados. Sobre os postes Lino contou que depois da enchente a família levou alguns dos postes da casa antiga para serem reutilizados na nova construção. Ele afirmou ainda, que

Figura 7 - Croqui do sítio arqueológico SArqPB.



Croqui: Patrícia Marinho / Digitalização: Rachel Lima Rocha

Fonte: Carvalho 2012.

provavelmente alguns desses postes seriam de aroeira, uma das espécies mais utilizadas na construção pela resistência da madeira.

Nos caminhamentos realizados diversas garrafas e frascos de vidro foram identificados. Uma das garrafas chamou a atenção de Seu Lino, que reconheceu o antigo frasco que armazenava uma bebida apreciada por seu pai João Sacerdote, porém ele não lembrou o nome dessa bebida. Já Ádio identificou um frasco de vidro de remédio, que lembrou ser um fortificante que a mãe fazia para ele e os irmãos tomarem quando crianças. Outro objeto localizado foi uma chapa de metal que compunha o forno para torrar farinha de mandioca – a chapa era colocada sobre o forno à lenha e sobre ela a farinha de mandioca para ser torrada.

Entre as árvores exóticas identificadas no contexto sistêmico, somente um exemplar de mangueira ainda existia no local. Lino contou que havia muitas outras árvores frutíferas, mas agora só restava aquela mangueira, que estava sendo atacada por formigas e logo desapareceria também. De acordo com Mendes (2012) as espécies frutíferas mais tradicionais como a mangueira ou a laranjeira, árvores

exóticas que passaram por um longo processo de domesticação pelo ser humano ao longo de muitos anos, e necessitam de tratos culturais (podas, controle na competição com outras plantas, adubação, etc.) para se desenvolverem bem, caso contrário essas espécies tendem a ficar em desvantagem em relação as outras espécies nativas mais adaptadas. O abandono faz com que as plantas entrem num processo de senescência e acabam morrendo.

Durante as várias expedições realizadas ao sítio arqueológico com os irmãos Frazão, algumas árvores foram apontadas por eles como afetivamente significativas, como é o caso dos três pés de cumbaru com os galhos retorcidos que fez seu Lino recordar que durante a infância ele e as crianças que viviam no Porto Boqueirão costumavam brincar em seus galhos e também em um cupinzeiro que existe até hoje, bem ao lado dos cumbarus. Outra árvore nativa identificada pelos irmãos foi um antigo pé de jatobá que servia como parte da engrenagem da prensa de mandioca. No trono da árvore ainda é possível ver o furo onde era encaixada a prensa (Figura 8).

Figura 8- Sr. Lino no porto Boqueirão às margens do rio Alegre.



Fonte: Carvalho 2012.

O levantamento que realizamos em Vila Bela da Santíssima Trindade gerou uma lista de 43 (quarenta e três) árvores significativas para os moradores da comunidade, por suas propriedades simbólicas, medicinais, construção civil, entre

Quadro 1 - Árvores e herbáceas catalogadas no Quilombo do Boqueirão em Vila Bela da Santíssima Trindade MT.

Árvores			
1	Abacateiro	23	Ingá de casa
2	Amescla	24	Ingá do mato
3	Angico	25	Ipê/peúva
4	Araticum	26	Jatobá
5	Aroeira	27	Jenipapeiro
6	Babaçu	28	Laranjeira
7	Barbatimão	29	Lima
8	Bocaiúva	30	Lixeira
9	Cajazeira	31	Mandioqueira
10	Cajueiro	32	Mangabeira
11	Carijó	33	Mangueira
12	Catinga de mulata	34	Negramina
13	Cedro	35	Pau-ferro
14	Cumbaru	36	Pequizeiro
15	Cupaúva	37	Peroba mica
16	Embaúba/Imbaúba	38	Peroba rosa
17	Embiruçu	39	Pindaíva
18	Faveiro	40	Pururuca
19	Figueira	41	Tangerina
20	Goiabeira	42	Tarumã
21	Graviola		
Herbáceas			
1	Comigo-ninguém-pode		
2	Dracena		
3	Espada-de-são-jorge		
4	Guiné		
5	Pinhão		

Fonte: Carvalho (2012)

outros usos. Do mesmo modo inserimos na pesquisa 5 (cinco) herbáceas devido a sua recorrência nos sítios pesquisados e no discurso dos membros da comunidade (Quadro 1).

Quadro 2 - Árvores e herbáceas catalogadas a partir da observação efetiva de sua aplicação ou depoimento sobre significação simbólica no Remanescente de Quilombo do Boqueirão em Vila Bela da Santíssima Trindade MT.

Árvore/herbácea	Família Botânica	
1	Angico	Leguminosa (RIZZINI e MORS, 1976, p. 68)
2	Cedro	Meliácea (RIZZINI e MORS, 1976, p. 120-121)
3	Comigo-ninguém-pode	Arácea (RIZZINI e MORS, 1976, p. 95, 166)
4	Dracena vermelha	Liliácea (FERREIRA, 2004, p. 703, 1208)
5	Embaúba	Morácea (FERREIRA, 2004, p. 1358, 2017)
6	Espada-de-são-jorge	Agavácea (VERGER, 1995, p. 803; FERREIRA, 2004)
7	Guiné	Fitolacácea (CAMARGO, 1998, p. 112)
8	Laranjeira	Rutácea (FERREIRA, 2004, p. 1183, 1782)
9	Lixeira	Dileniácea (MATTEUCCI, GUIMARÃES, et al., 1995, p. 18)
10	Mangueira	Anacardiácea (FERREIRA, 2004, p. 127, 1266)
11	Pinhão-roxo	Euforbiácea (CAMARGO, 1999, p. 162)
12	Tarumã	Verbenácea (FERREIRA, 2004, p. 1920)

Fonte: Carvalho (2012)

5 - A INTERFACE COM A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

De posse da lista de plantas simbólicas para os quilombolas do Guaporé, fizemos o cruzamento dos dados reunidos entre o povo-de-santo dos terreiros dos sacerdotes Tata Katuvanjesi (Inzo Tumbansi – Candomblé Angola), Mãe Amália (Tenda de Umbanda Pai das Matas e Mãe D'água – Umbanda), Mãe Caçulinha (Abassá Oxum Oxóssi, Candomblé Angola), Kiangana (Kuabata Mameto Nandalunda Ngunzo Katende Odé – Candomblé Angola) e Pai Francisco (Ilé Axé Omô Odará de Odé – Candomblé Ketu/Nagô – Iorubá), além das informações disponíveis na literatura especializada.

Os primeiros contatos estabelecidos com os sacerdotes foram em 2003 (Tata Katuvanjesi, Mãe Amália e Mãe Caçulinha), quando no âmbito da graduação em Ciências Sociais (FFLCH-USP) iniciamos estudos sobre os arranjos culturais promovido por africanos e seus descendentes no Brasil no que diz respeito a redistribuição de plantas sagradas entre as divindades africanas no contexto da reorganização religiosa. A distribuição levou em consideração características morfológicas das plantas e os atributos das divindades, a partir conhecimento do sistema de crenças tradicionais africanas no qual tudo está inter-relacionado – universo material e

imaterial (Hampâte-Bá 1980), conhecimento difundido oralmente, geração após geração.

Sob a denominação “religiões afro-brasileiras” entendemos as distintas correntes religiosas que se formaram no Brasil a partir da memória de africanos e seus descendentes da diáspora africana nas Américas. Embora cada uma dessas correntes religiosas tenha suas próprias divindades e ritualística, inclusive em relação às plantas (ver Barros 1993, 2011; Barros e Napoleão 2003; Verger 1995) o conhecimento sobre plantas sagradas foi difundido entre todos esses segmentos religiosos, e além das diferenças oriundas das especificidades de cada cultura africana contribuinte, também apresentam diferenças regionais. Por exemplo, no desenvolvimento da pesquisa incluímos o terreiro de Pai Francisco, que fica na zona rural de Cuiabá, no Mato Grosso, porque algumas árvores típicas do cerrado eram desconhecidas dos outros sacerdotes da pesquisa.

Nas religiões de matriz africana as árvores são sagradas e também podem ser consagradas a uma divindade, entendendo a consagração como um processo pelo qual uma força sobrenatural é transladada a um objeto, “este ganha personalidade, adquire o poder, o axé do deus ou do espírito que nele se fixa” (Cabrera 2004). No caso das plantas herbáceas ou arbustivas não há essa consagração, porém elas são também consideradas sagradas, são atribuídas às divindades e são utilizadas de rituais específicos, como a preparação de oferendas ou banhos rituais. A mangueira é uma árvore que pode ser consagrada, e suas folhas são amplamente usadas na ritualística religiosas, e neste resumo da dissertação foi a árvore simbólica escolhida para exemplificar o cruzamento de dados que realizamos:

A mangueira é uma árvore exótica, de origem asiática que se adaptou muito bem no Brasil, sendo abundante nos quintais de várias regiões do país. Sua origem asiática foi comprovada pela presença de fósseis de uma espécie primitiva, *M. pentandro*, em Assam, na Índia e de espécies mais primitivas filogeneticamente semelhantes, *M. duperreana* e *M. longenifera* no Laos, Camboja e Vietnã (Castro e Kluge 1997: 48).

Sua fácil adaptação aos climas tropicais e subtropicais das Américas, pode ser explicada pela resistência da planta a temperaturas extremas que podem variar de 0°C a 48°C, e a longos períodos de estiagem, graças a sua grande capacidade de absorção de água, devido suas raízes que podem chegar a 4 metros ultrapassando o lençol freático, como verificado numa mangueira com mais de 60 anos na Índia (Medina 1981³ *apud* Castro e Kluge 1997).

3 MEDINA, J. C.; BLEINROTH, E. W.; MARTIN, Z. J.; QUAIST, D. G.; HASHIZUME, T.; FIGUEIREDO, N.M.; MORETTI, V. A.; CANTO, W. L.; BICUDO NETO, L. C. *Manga: da cultura ao processamento e comercialização*. Campinas: ITAL, Série Frutas Tropicais, 399 p.

Nos sítios estudados na comunidade Boqueirão, as mangueiras se concentram em dois pontos dos quintais. Na frente é comum encontrar uma mangueira solitária e no fundo do quintal várias outras mangueiras no pomar. De acordo com depoimentos dos moradores, a mangueira plantada na frente da casa também tem por finalidade proteger os moradores da casa contra energias negativas. No sítio arqueológico SARqPB a mangueira que lá ainda resiste foi plantada na parte da frente do quintal, em relação ao rio Alegre. Outro aspecto já descrito é o uso da folha da mangueira para banhos de descarrego, ser do conhecimento dos quilombolas do Boqueirão, que não são praticantes de religiões afro-brasileiras, mas em sua maioria católicos e também evangélicos.

Já entre o povo-de-santo a mangueira participa ativamente da ritualística. De acordo com Mãe Amália, o fruto da mangueira pertence a Iansã e também a Oxóssi, já as folhas pertencem a Ogum e Exu e podem ser usadas em banhos de descarrego e também para forrar o chão do terreiro, pois além de ter um “cheiro muito bom”, essas folhas ajudam na “abertura de caminhos”. O sacerdote Tata Katuvanjesi também mencionou a mangueira relacionando-a com a abertura de caminhos. Segundo ele, as oferendas realizadas com essa intenção podem ser colocadas ao pé de uma mangueira. O sacerdote também disse que as folhas podem ser esparramadas pelo chão em dias de cerimônia nos terreiros congo-angola para afugentar os maus espíritos, pois é uma folha de Nkondi Nkosi, divindade do candomblé angola patrono da morte. Barros e Napoleão (2003:298) também fazem referência as folhas de mangueira que espalhadas pelo chão têm o propósito de evitar a ação de “elementos mal-intencionados”.

De acordo com Kiangana as folhas da mangueira também são dos exus da umbanda, por ela chamados de “exus da rua” ou “exu beberrão”. Também pertence a Nkosi e PambuNjila, entidades do candomblé congo-angola, sincretizados com Ogum e Exu, respectivamente. Kiangana disse ainda, que as folhas da mangueira podem ser usadas em banhos de descarrego, porém como é uma folha muito “forte e quente” ela prefere não usá-la nesses banhos de limpeza.

De acordo com a bibliografia consultada, as folhas da mangueira têm seu uso bastante difundido entre os praticantes de religiões afro-brasileiras. De acordo com Cacciatore (1977: 170), as folhas da mangueira são utilizadas nos rituais de iniciação.

Já para Barros e Napoleão (2003 p. 298) as folhas da mangueira entram em rituais de iniciação e banhos nas casas de candomblé Ketu e Angola. Ainda de acordo com os autores, por seu grande porte, na ausência da gameleira, a mangueira pode ser consagrada a divindade Iroko, divindade ioruba também conhecida por orixá-árvore. Porém, em muitas casas de culto, também pertencentes a esse sistema jêje-nagô, ela está relacionada ao orixá Exu. Também na umbanda existe a figura de

“exu”, porém não é o equivalente ao orixá Exu do candomblé Ketu. Na Umbanda há uma divisão entre as linhas da direita e da esquerda, que é a linha onde trabalham os exus, que tem por atribuição realizar rituais de descarrego em pessoas e ambientes. De acordo com Prandi (1997) na Umbanda existe uma entidade suprema, o “Exu Maioral” ou “Exu Sombra” que é auxiliado por seus generais, dentre eles o “Exu Mangueira

6 - CONCLUSÃO

As conclusões iniciais de nossa pesquisa aqui resumida, demonstraram que a etnoarqueologia é uma importante ferramenta no estudo dos processos sócio-culturais pelos quais passaram africanos e seus descendentes no contexto da diáspora africana e seus desdobramentos. As plantas, especialmente as árvores são importantes referenciais na paisagem para identificação e delimitação de sítios arqueológicos. No caso de sítios arqueológicos associados a contextos de populações negras tradicionais⁴, como é o caso da comunidade remanescente de quilombo do Boqueirão, podemos pensar que as plantas oferecem também o atributo simbólico para a interpretação do modo de vida e da materialidade dessas populações. A consideração do aspecto simbólico de determinadas plantas como um dado etnográfico importante para a identificação e interpretação de sítios nesses contextos, se ampara no reconhecimento do legado cultural que ultrapassa os limites das comunidades de cultos afro-brasileiros e que se perpetua nas crenças populares de uma parte da sociedade brasileira.

A presença dos significados simbólicos atribuídos a determinadas árvores, sugere que práticas de origem africana em Vila Bela vêm desde longa data e são relacionadas à origem cultural africana de seus habitantes, e que ecoam até os dias atuais. Pensamos que uma investigação acurada sobre a religiosidade do vilabelense, desde um ponto de vista da contribuição africana é fundamental na construção de um banco de dados sobre plantas, contribuindo para futuras interpretações do registro arqueológico de populações negras tradicionais.

A identificação da origem étnica de práticas ou de elementos culturais presentes nos remanescentes de quilombo extrapolou os limites da nossa pesquisa, ainda que algumas evidências apontem para influência da cultura banto, tendo na Festa do Congo, talvez sua mais conhecida expressão. No contexto específico

4 Além da comunidade quilombola do Boqueirão, em visita a outras duas comunidades no âmbito de projetos de arqueologia preventiva (Salvaterra/PA e Adrianópolis/PR), verificamos as mesmas atribuições simbólicas a mangueira (ver: <http://arqueoafr.blogspot.com.br/>).

do quilombo do Boqueirão, porém, não encontramos, pelo menos até o momento, elementos que permitam fazer uma ligação direta com a África, se não dados da memória familiar recente e mesmo muito distante, ancestral, da parte de alguns membros mais antigos da comunidade. Que isso se configure também, como mais uma contribuição para a inserção dos estudos afro-brasileiros na arqueologia, mas também como via para sua ampliação no campo das ciências humanas.

Finalmente, os resultados obtidos com a investigação proposta nos levaram a reafirmar que os estudos arqueológicos que se propõem a interpretação de sítios afro-brasileiros devem requerer do pesquisador comprometimento com o saber local das comunidades afrodescendentes, configuradas pelo território e o modo de vida de quem se apropria dele e nele habita, adequando-o e transformando-o. O simbólico caracteriza não apenas os espaços, mas também o sistema de crenças e de pensamento dos grupos afrodescendentes no Brasil.

- AB'SABER, Aziz Nacib. 1967. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. *Revista Orientação*, n.3, 45-48.
- AMADO, Janaína e ANZAI, Leny C. 2006. Anais de Vila Bela 1734-1789. Cuiabá: Carlini & Caniato, Ed. UFMT, 319 p.
- ANDRADE, Manuel C. 2001. *Geopolítica do Brasil*. Campinas: Papirus, 88 p.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. 1988. Território Negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Editora Brasiliense, 346 p.
- BARROS, José F Flavio P. 1993. *O segredo das folhas: sistema de Classificação de Vegetais no candomblé Jêje-Nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, UERJ, 147 p.
- BARROS, José Flávio P. 2011. *A floresta Sagrada de Ossaim: o segredo das folhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 232 p.
- BARROS, José Flávio P. F., & NAPOLEÃO, Eduardo. 2003. Ewé òrisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nagô (2ª ed.), Rio de Janeiro: Bertrand, 518 p.
- CABRERA, Lydia. 2004. *Iemanjá e Oxum: Ialorixás e Olorixás: iniciações, Ialorixás e Olorixás* (tradução Carlos Eugênio M. de Moura). São Paulo: EDUSP, 368 p.
- CACCIATORE, Olga. G. 1977. *Dicionário de cultos afro-brasileiros: com origem das palavras* (2ª ed.), Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 279 p.
- CARVALHO, P. M. *A travessia atlântica de árvores sagradas: estudos de paisagem e arqueologia em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT* (e sua interface com a religiosidade afro-brasileira), Dissertação de mestrado em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo, 2012. 196 p.
- CASTRO, Paulo R., & KLUGE, Ricardo A. (org.). 2003. *Ecofisiologia de fruteiras: abacateiro, aceroleira, maceira, pereira e videira*. Ed. São Paulo: Agrônômica Ceres, 119 p.
- CHAVES, Otávio. R. 2000. *Escravidão, fronteira e liberdade: resistência escrava em Mato Grosso, 1752-1850*. Salvador: Dissertação Mestrado, UFBA.
- COSTA e SILVA, A. D. 2003. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ed. UFRJ, 288 p.
- GILROY, Paul. 2001. *Atlântico negro*. Rio de Janeiro: Editora 34, 427 p.
- HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. 1980. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, J. (coord.). *História Geral da África, Metodologia e Pré-história da África*, São Paulo: Ática-UNESCO, v. I:181-218
- HEATH, B. J., & BENNETT, A. 2000. The little spots allowed theme: the archaeological study of African American Yards. *Historical Archaeology*,

34(2):38-55.

- HEYWOOD, Linda. (org). 2009. *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto, 222 p.
- KARASCH, Mary. C. 2000. A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850. São Paulo: Companhia das Letras, 643 p.
- MENDES, Renato. R. 2012. Frutíferas [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <patymarinho@yahoo.com.br> em 23/04/2012.
- MUNANGA, Kabengele. 2009. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Rio de Janeiro: Vozes, 152 p.
- PRANDI, Reginaldo. 1997. Herdeiras do Axé. São Paulo: Hucitec, 200 p.
- SCHIFFER, Michael Brian. 1972. *Archaeological context and systemic context*. *American Antiquity*, v. 37, n 2. 156-165.
- SYMANSKI, Luís Cláudio P. e ZANETTINI, Paulo. 2010. Encontros Culturais e etnogênese: o caso das comunidades afro-brasileiras do vale do Guaporé. *Vestigios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 4, n. 2: 90-123.
- VERGER, Pierre F. 1995. *Ewé o uso das plantas na sociedade iorubá*. São Paulo: Companhia das Letras. 768 p.
- VOLPATO, Luiza R. 1996. Quilombos em Mato Grosso: resistência negra em área de fronteira. In: REIS, José J. e GOMES, Flavio. *Liberdade por um fio*, São Paulo: Editora Schwarcz, 213-239.
- ZANETTINI, Paulo. 2006. Arqueologia e história - Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. *Projeto Fronteira Ocidental: a presença africana no Vale do Guaporé* São Paulo, v. IV, 91 p.